A SUGESTÃO DO SOM

O fator de forma *par excellence* da HQ é o balão. Já falamos dele anteriormente, ressaltando que um seu rústico ancestral costumava aparecer nas iluminuras medievais e agora lembramos que balão é aquela figurinha, geralmente ovalada, onde está escrito o que o personagem fala ou pensa e que está ligado a ele por um "rabo" que indica quem profere ou imagina o texto. Um balão tracejado recebe o pernóstico nome de *sotto vocce* e indica um sussurro. Um balão com o contorno em linha quebrada, sugerindo um raio, indica que fala um aparelho eletrônico ou um *robot*. Um balão em forma de nuvenzinha, com um "rabo" seccionado em bolhas indica o que o personagem pensa e também costuma ser usado para mostrar que o interlocutor é um ser anfíbio, subaquático, ou, pelo menos, que está submerso naquele momento. Já as plaquetas costumavam ser usadas para descrever a ação "Os soldados avançam de frente..." ou indicar cortes nas unidades de tempo, ação e espaço "Nesse ínterim..."; "Alguns dias mais tarde, na casa se Bernarda Alba...", etc. Como mesmo as imagens mais simples costumam dispensar esses comentários ululantemente óbvios, Frank Miller revolucionou as plaquetas, usando-as em primeira pessoa, para traduzir o estado de espírito e as reflexões dos personagens.

Além do título, ao qual Will Eisner deu uma aplicação absolutamente original, tornando-o recurso expressivo e atração à parte, balões e plaquetas são os recursos pelos quais as palavras, numa HQ, correndo ou não o risco de serem redundantes, se casam com as imagens.

Mas... E o som? Como incorporar o som numa HQ? As onomatopéias tem sido o recurso mais tradicional e pelo menos um quadrinista, Don Martin, fez delas um dos rasgos principais da sua obra. Segue-se uma pequena seqüência das suas mais hilariantes onomatopéias, que ele chama de "efeitos sonoros dos quadrinhos".

KWONK
Mary Worth levando um soco por se meter onde não é chamada

ARRARGHNNARRGH
Hulk falando sua frase predileta

PLABLABLABLAB
O Batmóvel com um pneu furado

KWOIP
O outro olho do Popeye pipocando

PBLRBLPSFT
O Rei de Id recebendo uma ovação de seus súditos

BARF
BARF
Sandy, com resfriado, avisando Aninha que tem um tarado escondido no armário
41

Já se cogitou a hipótese de se colocar, à margem de determinados quadrinhos ou determinadas cenas, um número correspondente a uma música ou a um ruído, gravados à parte e que deveriam ser reproduzidos quando indicados, mas a idéia é canhestra, embora seja curioso imaginar quais os ruídos que seriam associados a um catecismo de Carlos Zéfiro. Também o princípio dos cartões de felicitações sonoros que tocam uma indefectível musiquinha quando abertos já provou não ser satisfatoriamente aplicável à HQ. E as velhas onomatopéias, verdade seja dita, estão cada vez mais óbvias, redundantes e cansativas. Apesar da singular contribuição de Don Martin...

Mas existem quadrinistas que mataram a charada: para incorporar o som a uma HQ – uma estória em imagens bidimensionais impressas – o único caminho viável é o da *sugestão* do som.

Para exemplificar essa tendência, recolhi alguns dos momentos mais altos da HQ mundial em todos os tempos. A começar por uma sublime HQ de autor, ambientada no universo *bopper* nova-iorquino. Vamos a ela.

O homem do Harlem, de Guido Crépax – A criação de uma trilha sonora para uma HQ

Guido Crépax é o ídolo de uma legião de admiradores incondicionais, entre os quais me incluo. Universalmente conhecido por suas HQs eróticas, Crépas mudou o "S" do seu sobrenome para um muito mais sonoro "X", usou da sua formação de arquiteto-engenheiro para inovar na divisão das páginas e criou um tipo de mulher imediatamente associado a ele. Altas, longílineas, elegantes, suas personagens femininas são tão absolutamente provocantes que já se disse que, para despi-las mais, seria preciso tirar-lhes a pele e expor-lhes a carne. Creio que ser taxada de "crépaxiana" é o máximo elogio à sua feminilidade que uma mulher pode pretender receber. Portanto, se você que está lendo estas páginas pertence ao belo sexo, sinta-se lisonjeada se um dia alguém se referir a você por esse sonoro adjetivo.

Com uma obra extensíssima, cujas oníricas incursões ao inconsciente não raro beiram o surrealismo, Crépax vale-se somente do bom e velho bico-de-pena, provando, num mundo em que multidões de jovens quadrinistas se esforçam – muito louvavelmente, aliás – por esgotar as possibilidades expressivas das mais arrojadas novidades técnicas, que o que importa não é o recurso, mas o artista que o utiliza.

O homem do Harlem é uma HQ encomendada. Uma editora de renome mundial confiou a vários quadrinistas de porte a criação de uma HQ inspirada em um homem vivendo uma determinada situação em determinados momento e local, ou seja, um homem inserido, *grosso modo*, num contexto histórico. Surgiu, assim, a célebre série "O Homem do..."

Filho de um instrumentista do *Scala* de Milão, Crépax cresceu num ambiente musical do mais fino bom-gosto, tornando-se um aficionado do *jazz* e chegando a criar inúmeras capas memoráveis para discos deste gênero musical. Aproveitando a encomenda que lhe foi feita para extravasar essa paixão, ele ambientou sua estória na Nova York dos bons tempos do *bop*, o primeiro movimento do *jazz* que tem conotação política, pois foi através dele que os músicos negros protestaram contra a permanência da sua exclusão na sociedade estadunidense, mesmo após sua significativa contribuição na Segunda Guerra Mundial. O personagem principal é um contrabaixista negro que acolhe a concubina branca de um *gangster*. A moça é morta, ele se vinga e volta à sua vida de *night clubs*.

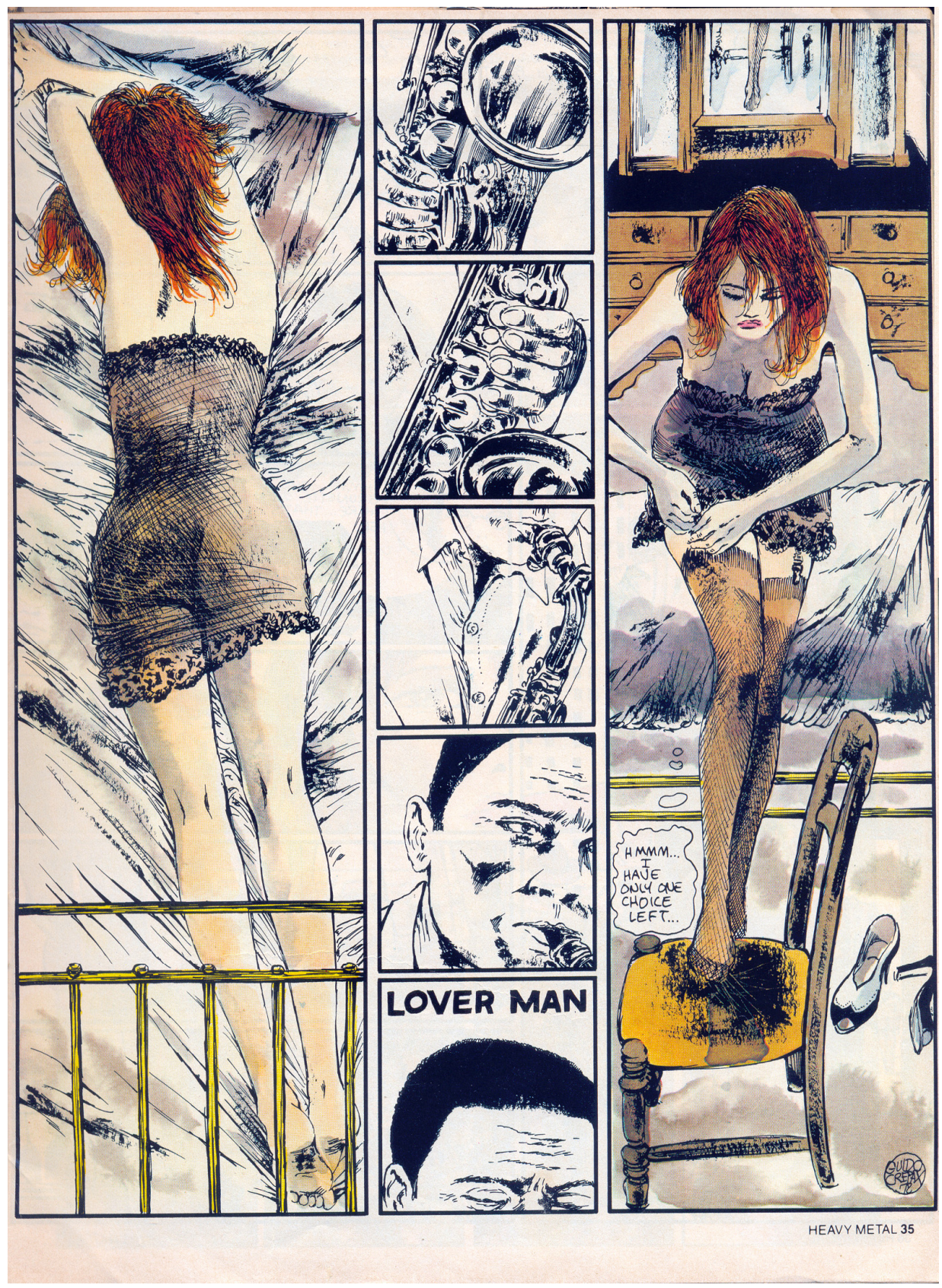
A simplicidade do enredo, o elegantíssimo despojamento do traço e o inusual *unhappy-end* fizeram com que esta HQ não tivesse sido muito notada pelo grande público, mais interessado em ação e aventura que em desditas de heróis anônimos. No entanto, a meu ver, ela não só supera as outras, também brilhantes, componentes da série "O Homem do..." como é o píncaro da produção crépaxiana. E não só isto; é a mais importante HQ já realizada, porque a mais revolucionária, e a mais revolucionária porque a primeira a não só incorporar o som maciçamente a uma estória, como a criar uma trilha sonora para ela – e uma trilha sonora das mais requintadas, composta pelos clássicos do *bop*.

Além disso, *O homem do Harlem* permite um enfoque sócio-antrópologico, por abordar um amor inter-étnico sufocado em seu nascedouro por uma sociedade racista; por versar, também, sobre a criminalidade organizada nova-iorquina – um mundo em si – e por alistar o leitor nas hordas dos *jazzmen* negros de então, fauna que também habitava um universo à parte, regido por um código próprio, no qual a conversão ao islamismo era uma forma de retorno às origens e as boinas bascas enfeitadas por broches metálicos em forma de claves de sol e de notas musicais eram algo assim como distintivos tribais orgulhosamente exibidos.

E, por tratar de um dos momentos mais ricos da História estadunidense – mais particularmente de sua História cultural – a obra de Crépax acaba resultando num discurso sobre a História, um

discurso imagético no qual a sugestão dos sons de uma era acaba gerando também, de uma maneira quase prodigiosa, um discurso sonoro paralelo. O fascinante universo *bopper* nova-iorquino, a respeito do qual há muito que dizer, está lá, não só no traço de indiscutível elegância de Crépax, na recriação sensível que ele faz desse momento, mas também nas músicas maravilhosas criadas pelos monstros sagrados do *jazz*.

Esta HQ é uma das daquelas obras excepcionais que merecem ser analisadas na íntegra, num estudo à parte, o que breve acontecerá. Como é impossível reproduzi-la toda neste ensaio mais genérico, vamos prestar atenção na muito significativa página que se segue.


LOVER MAN
HMMM... I HAVE ONLY ONE CHOICE LEFT...
GUIDO CREPAX

O recurso que Crépax usou para sugerir o som é incrivelmente simples. As cenas – "a realidade" – ocorrem a cores, numa rara exceção de uma obra essencialmente construída em preto e branco, em que o artista se permitiu o requinte da aquarela, que, aliás, demostrou dominar com maestria. O ator-diretor russo-estadunidense Michael Chékhov (sobrinho de Ánton) já havia dito, com muita propriedade, que *(...) a atmosfera de cada peça de arte é o seu coração, a sua 'alma sensível'*. (Chékhov, 1981: 58). E isto vale, na minha maneira de entender, para qualquer cena de qualquer manifestação de arte narrativa, seja cinematográfica, literária ou quadrinística. Toda cena tem um clima, uma *ambiánce*, uma atmosfera que a reveste e a perpassa, seja de beligerância, ternura, luto, júbilo, erotismo ou pasmaceira. **Sempre** há uma atmosfera. Com as obras musicais não é diferente. Também elas sugerem uma atmosfera específica, de esfuziante alegria, de tenso pesar, de melancolia pungente. O que Crépax fez foi colocar, lado a lado das suas cenas coloridas, imagens preto e branco de músicos de *jazz* executando clássicos do *bop*, que é possível identificar graças às legendas nas quais aparecem seus títulos, cujas atmosferas "casam" com as das cenas.

Na página específica aqui apresentada, a concubina branca do *gangster* já sucumbiu aos encantos do seu anfitrião negro, mas já concluiu, com um "empurrãozinho" da mãe deste, que a cor da pele de ambos barra qualquer possibilidade de romance e que precisa sair do seu esconderijo para ir à polícia. Há um *conflito interno* da personagem, na melhor acepção teatral da expressão, que as imagens explicitam, as palavras apenas escoram e o som sugerido sublinha magistralmente.

A atmosfera – já que estamos aqui tratando de atmosfera – poderia ser definida como a de uma "melancolia apaixonada". A personagem ama, sabe da impossibilidade do amor e, ao mesmo tempo, precisa arriscar a própria vida para levar a cabo uma decisão crucial.

Crépax verticaliza toda a página. Já começa por aí a abordagem pouco comum desta cena, pois, embora os quadrinhos, isoladamente, costumem ter leitura formato "retrato", a maioria esmagadora das páginas de HQ tem leitura horizontalizada, formato "paisagem"[16]. No quadrinho à esquerda, ele enfoca, em câmera alta inclinada, a personagem, deitada languidamente de bruços e, como não poderia deixar de ser, em se tratando de Crépax, envergando um traje íntimo cuja transparência permite entrever um magnífico *dérriere*. Note-se que não há, no seu erotismo, nada de vulgar ou apelativo. Assim é Crépax. Embora ele dispa os seus personagens às últimas

[16] Não resta dúvida de que Crépax, arquiteto de formação, é dono de um estilo de dividir a página em quadrinhos sem paralelo na História da Nona-Arte.

conseqüências, o faz com tanta naturalidade que a nudez aparece como deve: em toda a sua deslumbrante beleza.

Mas é no quadrinho do meio, subdividido em quatro quadrinhos menores – ou, se você preferir, na *tira* do meio, composta por quatro quadrinhos – que Crépax atinge o máximo de requinte não só em toda a estória como seguramente em toda a sua vasta obra. Procurando ser absolutamente honesto, afirmo que não vejo nenhum absurdo em dizer que, com esta página, Crépax cria, enfim, o momento mais arrojado da HQ universal em todos os tempos.

É como se uma câmera percorresse o torso de um saxofonista-altoísta, de baixo para cima, desde a linha da sua cintura até acima de seus cabelos e num andamento leve, condizente com o clima da cena a que se quer "musicar" (será que estas aspas são realmente necessárias?). No primeiro quadrinho a contar de baixo para cima, vemos o pavilhão do sax; no segundo, já aparece a mão esquerda do instrumentista dedilhando-lhe as chaves; na terceira, o rosto do músico sopra a boquilha; no quarto, o rosto insinuado no quadrinho anterior surge com uma expressão de total entrega ao tema que interpreta, e, por fim, no quinto quadrinho desta inusual seqüência verticalizada, por cima da cabeça do *jazzman*, duas palavras explicitam qual a balada que ele executa, reforçando a atmosfera da cena: *LOVER MAN [Homem apaixonado]*. Daí...

• Quem conhece a balada a "escuta" realmente. Chega quase a esperar, ao ver os primeiros quadrinhos da tira vertical em preto-e-branco que ilustram o saxofonista, que é esse o tema que ele está tocando, tão forte é a sugestão visual.

• Para quem não conhece a música, mas fala Inglês, o título da balada sugere o seu clima.

• Para quem não conhece o tema nem fala Inglês, a sugestão visual é tão clara que não deixa dúvidas quanto ao tipo de música o nosso *cat*[17] está executando.

Para dirimir qualquer dúvida, experimente contemplar a imagem em silêncio; em seguida, faça-o escutando a gravação de *Lover Man,* na imortal versão de Charlie "Bird" Parker. Tenho certeza que, se você conhece *Lover Man*, concordará com a adequação da sua "inclusão" (mais uma vez: essas aspas são mesmo necessárias?) na cena desenhada por Crépax. Se você não conhece, mas fala Inglês, concordará que era mesmo esse tipo de música cujo título, associado aos desenhos,